

O LAZER E A NOITE.
IMAGENS DE UMA CIDADE UNIVERSITÁRIA: COIMBRA

Norberto Pinto dos Santos
norgeo@ci.uc.pt
Centro de Estudos Geográficos
Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra

Claudete Oliveira Moreira
claudete@fl.uc.pt
Centro de Estudos Geográficos
Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra

A noite tem merecido a atenção dos mais diversos investigadores de Ciências Sociais. Espaço de diferença e exclusão, perigos e medos, a noite surge na sociedade terciária contemporânea como um tempo de espaços e modos: para uns, normais e, para outros, transgressivos, mas que evidencia a avidez por parte do empreendedorismo em conquistar novos tempos e transformá-los em formas lucrativas de fornecimento de serviços. Esbatendo as fronteiras do tempo de descanso e de recuperação das energias para actividades produtivas, o tempo e o espaço da noite recriam os lugares e reordenam a cidade, alterando os quotidianos, modificando as práticas e fugindo às rotinas.

A cidade de Coimbra apresenta uma expressividade muito própria de actividades nocturnas, especialmente ancorada nas propostas de lazer que promovem centralidades diferentes das que se podem identificar durante o dia. Resultado de uma oferta de serviços diversa da diurna e de uma aglomeração promotora de economias e clientelas, a noite em Coimbra faz parceria com a vida estudantil e associa uma forte valência cultural ao prazer, ao hedonismo e à transgressão.

Revisitando o tempo livre e o lazer

Como diziam Dumazedier & Prost “a maior parte das Ciências Sociais subestimam este facto novo da civilização industrial e urbana: o lazer” (Dumazedier & Prost, 1966: 1703). Quarenta anos passados, o lazer, então novo na investigação social, condiciona, de modo impressionante, os tempos e os espaços da população contemporânea.

O progresso e a inovação permitiram que uma proporção crescente de população dos países desenvolvidos atingisse um período *desejável* de tempo livre, com a redução das horas de trabalho; se bem que criando, a uma parte demasiado significativa dela, tempo livre em demasia, através do desemprego. Isto sucede não sem antes os operários, embrutecidos pelo vício do trabalho, “não conseguirem perceber que, para haver trabalho para todos, seria necessário racioná-lo como se faz com a água num navio em perigo” (Lafargue, 1991: 50, 1ª edição em 1883).

O final do século XIX, nos países industrializados, criou nos operários a paixão desenfreada pelo trabalho (*quem não trabalha não come ou morte ou trabalho* eram as palavras de ordem do proletariado), levando mesmo à grande libertação dos “operários do jugo da Igreja para melhor os submeter ao jugo do trabalho” (Lafargue, 1991: 40) sendo, na época, os 52 domingos e 38 dias feriados abolidos e considerados dias de mais trabalho.

Efectivamente, o domingo e o feriado serviam de referências centrais no mundo cristão romano, enquanto na religião judaica o *Sabbath* era considerado como uma antecipação do estado paradisíaco da sociedade e, na verdade, o *Talmud* Babilónico, identifica o início da era Messianica como o momento na história em que todos se abstêm de trabalhar num Sábado particular. Kwiatkowska salienta que “num conceito de rotina diária (o mundo foi criado em seis dias e o sétimo foi de descanso) são definidas duas qualidades do tempo. O trabalho é um tempo secular relacionado com a criação, produção (...) para satisfazer as necessidades do corpo; o lazer é um tempo sagrado relacionado com o rezar, com a meditação (...) preocupado com a alma” (Kwiatkowska, 1999: 127). Esta posição estava já inscrita no trabalho de Lafargue que afirma que “Jeová, o deus barbudo e rebarbativo, deu aos seus adoradores o exemplo supremo da preguiça ideal; depois de seis dias de

trabalho, deu-se ao repouso eterno” (Lafargue, 1991: 18). O lazer, melhor entendível como tempo-livre, é o resultado de uma orientação divina que o concebe como forma de abstinência, alimento espiritual ou repouso/recolhimento. Hoje, a paixão desenfreada surge associada ao lazer e se a dependência ao trabalho existe (*workaholic*) ela surge no trabalho intelectual, não implica grande esforço físico e manifesta-se como modo de acesso ao lazer.

As décadas de sessenta e setenta, do século XX vão marcar as mudanças que se esboçavam, com Thorsten Veblen ao escrever *A Teoria da Classe Ociosa* (1899), Bertrand Russell e *O Elogio ao Ócio* (1935), Johan Huizinga e o seu *Homo Ludens* (1938). Serão, entre outros, Georges Hourdin, com *Uma civilização dos tempos livres* (1961); Joffre Dumazedier com *Vers une société du loisir?* (1962); Stanley Parker com a sua *Sociologia do Lazer* (1967); Norbert Elias e Eric Dunning com *A busca de excitação* (1969); Marie-Françoise Lanfant ao debruçar-se sobre *As teorias do lazer* (1972) e, de novo, Joffre Dumazedier ao falar sobre a *Sociologie Empirique du Loisir* (1974), que criam um espaço e um tempo próprio para a investigação sobre o lazer.

O lazer aparece como conjunto de actividades que não são nem necessárias, nem obrigatórias. Efectivamente, “são ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para se divertir, seja para desenvolver a sua informação ou formação desinteressadas, a sua participação social voluntária, depois de estar liberto das suas obrigações profissionais, familiares e sociais” (Dumazedier & Prost, 1966: 1704).

O lazer, ao afirmar-se como valor social (Dumazedier & Prost, 1966), depois de ter sido entendido como valor de classe por Veblen, (1965 – 1ª edição em 1899) e por Lafargue (1991) é visto, a partir de 1936, como uma conquista da dignidade operária e em 1950 como uma necessidade absoluta da pessoa humana. Contudo, como afirma Hourdin (1970) “o homem sempre teve tempos de ócio. Sempre se entregou a actividades gratuitas” (Hourdin, 1970: 227). Embora Lafargue (1991) mostre que, períodos houve em que o trabalho era dependência e devoção, principalmente os primeiros trabalhadores da indústria moderna, manietados pela ideologia burguesa, eles “quiseram escapar ao inferno da produção industrial e à cidade, (...) e aquilo que havia sido concedido aos trabalhadores da cidade e da indústria sob a forma de tempo livre [também tempo para consumir] veio a ser pouco a pouco aproveitado pelo conjunto da população (Hourdin, 1970: 229).

Se o lazer começou o século XX como denominação de uma classe (A Teoria da Classe Ociosa de Veblen), vai terminá-lo como elemento central da sociedade de consumo contemporânea. Na verdade, o lazer foi assumido como um atributo do progresso civilizacional no qual nos movemos, de um mundo primitivo de *labuta ininterrupta* (expressão de Lafargue) até a um futuro de lazer *non-stop*, ou com hiatos temporais associados à necessidade de criar riqueza para obter mais, melhor e diversificado lazer.

Saez (2002) identifica os consensos e a convergência no interesse pelo lazer e que aqui importa, desde já, sublinhar. Começa por fazer referência ao carácter desejável da entrada na sociedade moderna de consumo através da industrialização e da urbanização, que promovem uma salarização generalizada e formas espaciais de lazer (cidade, lazer urbanos, férias de sol e praia, montanha, campo). Continua com a referência ao reconhecimento da legitimidade dos poderes públicos nacionais e locais na produção de infra-estruturas de lazer, equipamentos culturais,

socioculturais e desportivos, como forma de planeamento. Conclui afirmando a importância da ideologia que dá sentido à nascente civilização dos lazeres. Colocada sob o signo da democratização, “ela proclama que todos os seus movimentos se inscrevem numa dupla orientação não contraditória de, por um lado, libertação e desenvolvimento pessoal e, por outro, de construção cívica de coesão social” (Saez, 2002: 16 e 17).

Hoje o lazer é tema referenciado nas abordagens sociais, urbanas e culturais da Geografia e sustenta-se em 25 anos de investigação profícua de que podemos salientar alguns autores como Roger Sue (*Vers une société du temps libre?*, 1982), J. Allan Patmore (*Recreation and resources: leisure patterns and leisure places*, 1983), Joffe Dumazedier (*Révolution culturelle di temps libre 1968-1988*, 1988), António Gama (*Notas sobre a geografia do lazer*, 1988), Chris Rojek (*Leisure for leisure: critical essays*, 1989 e *Decentring leisure: rethinking leisure theory*, 1995), John Urry (*The tourist gaze: leisure and travel in contemporary societies*, 1990), Restituto Zorrilla Castrejana (*El consumo del ocio*, 1990), Robert Stebbins (*Amateurs, professionals, and serious leisure*, 1992), Elísio Estanque (*Classe, status e lazer*, 1993), Alain Corbin (*História dos tempos livres: o advento do lazer*, 1995), Jiri Zuzanek (*World leisure participation: free time in the global village*, 1996), John Haworth (*Work, leisure and well-being*, 1997), Jorge Umbelino (*Lazer e território: contributo geográfico para a análise do uso do tempo*, 1999), Jonathan Gershuny (*Changing times. Work and leisure in postindustrial society*, 2000), Domenico de Masi (*O ocio criativo*, 2000), David Crouch (*Leisure/tourism geographies: practices and geographical knowledge*, 2001), George Ritzer (*Explorations in the sociology of consumption: fast food, credit cards and casinos*, 2001), Chris Rojek (*Leisure and culture*, 2002), Rui Machado Gomes (*Os lugares do lazer*, 2005)¹.

O lazer contemporâneo

Como podemos, então, compreender o lazer perante uma tão grande diversidade de situações, processos, tempos, vontades e abordagens? O lazer pode ser uma obrigação imposta no local trabalho pelo empregador que, para melhorar a produtividade dos seus funcionários, determina, no tempo de emprego, a integração de períodos de actividades de desenvolvimento e de sociabilidade. Torna-se evidente que nas actividades habitualmente associadas ao lazer pode haver processos de alienação, de obrigatoriedade ou falta de livre arbítrio.

Todavia, como dissemos em *Globalisation and the relationship work/leisure. From standardisation of leisure to work flexibility* (Santos, no prelo) “a escolha e o livre arbítrio têm sido os elementos fundamentais de qualquer definição de lazer, mas existem diversos constrangimentos (...). É por isso que Stebbins (2005: 350) afirma que o lazer é “uma actividade não coerciva efectuada durante um período de tempo livre, sendo algo que a pessoa quer fazer, procurando a satisfação pessoal ao usar as suas capacidades e recursos, e é bem sucedida ao fazê-lo”.

Importa referir que, o livre arbítrio e a satisfação não se encontram apenas em actividades classificadas como de lazer. O emprego e, sem dúvida alguma, muitos

¹ Uma referência mais completa encontra-se no final do livro sob o título *Outras obras de referência sobre o lazer*, enumerando algumas das principais obras sobre a investigação relacionada com o lazer.

trabalhos integram essas opções, porque se o tempo de lazer é entendível como não alienado (não dependente do relógio e da vontade de outrem) muitos profissionais liberais, artistas, investigadores, desportistas, entre outros, têm-no em situação de emprego.

Para além disto, ou talvez por causa disso, o lazer é compreendido como um produto a que se tem acesso num mercado de relações espaciais intensas, como *layers* interactivos, que o tornam um bem imaterial de grande relevância socioeconómica. A mercadorização do lazer é um sintoma evidente de mais uma conquista da ideologia capitalista do lucro, que agora se prepara para tomar de assalto o investimento nos projectos que valorizam as questões ambientais, numa relação evidente com o turismo. De facto, “o espaço tornou-se uma mercadoria e a expansão da dominação espacial uma necessidade do sistema capitalista [porque] ‘o capitalismo já não se apoia somente sobre as empresas e o mercado, mas sobre o espaço. (...) Com a *indústria* do lazer o capitalismo apoderou-se dos espaços que ficaram vazios; o mar, a praia, a alta montanha. Criou uma *indústria* nova, uma das mais poderosas: a *indústria* do lazer’ (Lefèbvre, 1974: 221)” citado por Gama (1988: 207)

Porque muitas actividades de lazer resultam em mais-valia económica e em tempo de trabalho, é muito ambíguo e dual classificar o lazer, mas quando surge como uma recompensa/direito de algo que entendemos como uma forma de reconhecimento do nosso trabalho (num tempo não alienado, assumido pelo nosso livre arbítrio, em espaços que consideramos apropriados ao prazer ou que criamos para tal fim, em actividades que consideramos fora do âmbito das tarefas obrigatórias que realizamos quotidianamente) estamos a falar de lazer.

Nos últimos 40 anos, a estrutura de despesas da população portuguesa diminuiu significativamente os consumos em *Alimentação, Bebidas e Tabaco*. A par com esta redução está o acréscimo nas despesas com *Transportes e Comunicações* de *Outros bens e Serviços*, resultado de importância da sociedade da informação e da mobilidade da população, mas também de uma procura muito mais diversificada de bens e serviços que promove novos consumos, numa dependência directa da diversificação dos mercados e de uma distribuição e de um comércio muito mais agressivos.

Para além desta caracterização geral é possível identificar uma estrutura de despesas associada a estilos de vida promotores de actividades que encontram, especialmente nos últimos anos (1990/2004), uma valorização da imagem, da sociabilidade e do lazer. Efectivamente, são as despesas com a *Saúde e a Higiene* que apresentam um maior crescimento ao longo dos quinze anos em referência e, conjuntamente com elas, as referentes ao *Recreio, Educação e Cultura*.

No mundo desenvolvido a população quer que o lazer possa ser a premissa central na sua vida quotidiana, especialmente quando mantidas relações significativas com os espaços urbanos.

Não podemos continuar a ver o lazer como algo anti-quotidiano, em oposição ao trabalho, mas sim como algo complementar a esse trabalho e simultaneamente expressão maior e diferenciadora do tempo individual. O trabalho serve, de formas directas e indirectas, para a valorização de um tempo fora dele que tem especial significado em com situações de co-presença (Gama, 1988 e Gama & Santos, 1992). O trabalho e o lazer são as duas faces duma mesma e única existência (Sue, 1982). Efectivamente, a continuidade e a quotidianidade estão na relação trabalho/lazer e

torna-se importante saber como se ajusta o ser humano a esta interrelação funcional de duas ou mais esferas de acção que envolvem espaços e tempos tão diferenciados.

A nossa sociedade durante algum tempo teve que se ajustar a um aumento do tempo livre que, não sendo acompanhado pelo tempo de lazer, se assume como *aborrecido* e motivo de *insatisfação*. É, por isso, importante sublinhar a afirmação de Sue (1982) que diz que “uma das funções maiores do lazer actual consiste em procurar o sonho [sendo] fortemente colorido pelo hedonismo” (Sue, 1982: 93).

Contrariamente a Henriques & Feio (1995) julgamos importante entender o tempo de lazer como um tempo quotidiano, valorativo de um desenvolvimento local continuado e complementar de processos de lazer específicos que se integram na denominada *indústria do lazer*, que aqui pretendemos resgatar para o mundo dos serviços.

Na senda do consumo, o capitalismo utiliza os lazeres (artísticos, desportivos, de desenvolvimento, de sociabilização, de descanso, deleite ou recuperação física e mental) como veículo prioritário para a motivação consumista. Nesta perspectiva, a noite é atribuída a imagem de *Novo Mundo/Outro Mundo*, associando o trabalho e a obrigação com o tempo cósmico diurno e o lazer, suportado pelo trabalho de alguns, com o tempo cósmico nocturno. Consumo e capitalismo, impondo normas e regras, uniformizações e massificação, obrigam a questionar se o lazer continua a ser uma actividade dependente do livre arbítrio individual ou se se assume, apenas, como mais uma das *tarefas quotidianas*

Como se pode compreender, não se está a tentar dar valor a uma oposição puritanista, ascetista ou epicurista, mas a um *homo-chamaeleon*, que Brée (1994) refere na associação à sociedade de consumo e que hoje se assume como herdeiro detentor da parafernália de estilos de vida e esferas de acção de uma sociedade do divertimento (Langman, 1992) e da procura da satisfação imediata (Galbraith, 1992).

O *homo-chamaeleon* é o reflexo de uma sociedade dominada pela perspectiva de maximização da exploração do lucro capitalista, através não apenas dos modos, mas também dos tempos e dos espaços. A diversificação de serviços e bens — resultado do ajustamento entre procura e oferta (não se sabendo bem o que influencia o quê) —, a criação de novas formas de trabalho (criando tempo para valorizar o consumo) e a valorização de novos modos de usar o espaço (cada vez mais longe e mais exótico) colocam o ser humano em situações de pressão que o fazem utilizar num mesmo contexto, de uma forma tolerada socialmente, o verso e o reverso da medalha, o bom e o mau, o correcto e o prejudicial, o sim e o não, a norma e a transgressão.

O *homo-chamaeleon* parece brotar da conjugação de novos homens (os novos *homo-faber*, *homo-ludens*, *homo-sapiens*, *homo-socius* e homem imaginário) (Dumazedier, 1962), e da valorização do lazer em todos os actos sociais humanos. Mesmo a compreensão do mundo do trabalho só resulta completa se compreendido o mundo fora do trabalho (consumo/lazer), numa combinação de esferas de acção que têm sido responsáveis tanto pela democratização como pela elitização dos fenómenos, tornando o homem num ser que se ajusta e que procura identidades, entre a semelhança e a diferença, entre o ser, o ter e o parecer.

A noite e o lazer

A noite tem vindo a ser crescentemente integrada nas investigações científicas efectuadas no domínio das Ciências Sociais, particularmente na Geografia (Deleuil, 1993²; Henriques; Feio, 1995; Bureau, 1997; Chatterton; Hollands, 2003; Gwiazdzinski, 2000, 2005, Alves, 2007), ainda que este objecto científico se apresente pouco explorado.

Realidade temporal de duração cósmica variável, cujo carácter obscuro levou a que fosse conotada como um tempo de repouso, de recato, de vinculação ao espaço privado, a noite deixa de se contrapor ao dia como tempo de acção, de obrigação, envolvendo o espaço público e passa a assumir-se como um tempo e um espaço com dinamismo próprio e, de igual forma, com uma expressão pública relevante.

Todavia, a noite torna-se tempo, espaço e modo de *outras* identidades. Por vezes extensão das sociabilidades diurnas, apresenta-se, também, em esferas de acção com actores, parceiros e intervenientes muito diferenciados daquelas.

A noite é tendencialmente um período em que o tempo livre associado ao lazer se sobrepõe ao tempo de emprego. Assim o tempo da noite dá lugar à libertação das rotinas que marcam os dias, à transgressão, à subversão das normas de comportamento, à busca do prazer, da emoção, da excitação. Para Bureau (1997) a noite, criada pelo ser humano, torna-se sua criadora. Cada vez mais a descontinuidade espaço-temporal que é a noite desvanece-se passando a ser uma continuidade, um tempo que “precede e prepara a eclosão do dia” (Gwiazdzinski, 2005: 37), servindo as actividades que a preenchem como motivações libertadoras para o dia que se inicia.

A vida urbana faz-se agora, e cada vez menos, pela diferenciação entre dia e noite diversificando-se, todavia, os ritmos e os modos, só possíveis devido à conquista dos lugares públicos pela luz artificial, depois da revolução que originou na vida e espaços privados.

A luz artificial possibilitou o aumento do tempo de trabalho, permitindo que as horas de emprego pudessem entrar noite dentro e não apenas nas noites de lua cheia sem nebulosidade. As profissões da noite são uma referência da cidade, algumas ligam-se ao poder público, prendem-se com a segurança, a saúde, sendo essenciais para zelar pelo bem-estar e vigiar as necessidades da sociedade urbana: polícia, bombeiros, técnicos de saúde, recolha de lixo e limpeza de ruas; outros asseguram os abastecimentos diurnos: padeiros, vendedores de mercado, trabalhadores dos serviços postais; outros, ainda, garantem a mobilidade de pessoas: taxistas, condutores de transportes públicos e de bens: motoristas, maquinistas; alguns mais, animam a noite: locutores de rádio e apresentadores de televisão, actores e artistas. Algumas destas profissões são precisamente situações de co-presença para situações de lazer, juntem-se aos já referidos os empregados de cafés, de bares e de discotecas. Mas a noite ainda é, para uma maioria da população, um tempo livre do emprego, ocupado pelo descanso, pelo lazer, pelo consumo. Esta justaposição dos ritmos, das várias cidades produz disfuncionalidades urbanas, sendo potenciadora de conflitos (Allemand, 2005a; Gwiazdzinski 2000).

² Deleuil, J.-M. 1993, *Lyon, la nuit: espaces, pratiques et représentations*. Thèse de doctorat de géographie, aménagement et urbanism. Université Lyon, Lyon.

Há claramente uma revolução nos tempos sociais, que passa pela sua *desconstrução* (Allemand, 2005: 20), trabalha-se à noite, aumentam os acontecimentos sociais, os consumos e os lazeres nocturnos. Neste contexto, a *economia da noite* (EN) tem criado, para o quotidiano da população urbana e da que está imbuída de uma consciência e participação urbanas, os tempos, os espaços e os modos que permitem a fuga à rotina e a gratificação pelo trabalho alienado ou pelas tarefas obrigatórias do dia-a-dia.

Em termos pessoais, as pessoas assumem um comportamento bipolar ou multipolar (e não estamos aqui a falar em termos médicos, mas em termos de acção espaço-temporal fora do ambiente do lar/residência) que se encontra hoje associado a padrões específicos de consumo. Na cidade, a noite cria espaços específicos, associados a tempos concretos que servem de *recreio* para grupos de pessoas com identidades específicas que se cruzam ao longo da noite, num ritual de amor/ódio, compromisso/conflicto, sempre buscando o prazer. Efectivamente a condição pós-moderna (Harvey, 1992) abre novas valorizações individuais e colectivas. Relewa-se cada vez mais a dimensão imaterial, a simbólica dos consumos materiais, a das actividades de lazer que se praticam, a dos lugares que se frequentam.

Estas encruzilhadas de pessoas buscando o espaço e os modos certos para o seu tempo de lazer, fugindo à rotina e procurando a aventura ocasionam problemas. A *economia da noite* (EN) provoca conflitos entre actividades de lazer e outras funcionalidades urbanas, sendo o ruído, o crime, o comportamento anti-social, algumas das situações que motivam a confrontação. A conquista da noite faz-se, por isso, através da animação nocturna, da busca de prazer, mas, também, através da promoção da segurança e controlo (Gwiazdzinski, 2005)

Assim, o tempo de lazer só o é efectivamente quando temos a consciência das acções que realizamos. Como é óbvio, muitos lazeres envolvem riscos para as pessoas que os praticam, para parceiros e para o ambiente. Não se propõe aqui que se o risco existe não existe lazer. De facto, o prazer está relacionado com níveis de adrenalina cada vez mais elevados e intensidades cardíacas crescentes, de forma a criar novas sensações a quem participa e a permitir uma sensação de fuga às rotinas e às obrigações. A noite consegue reunir, num espaço - que de dia é predominantemente utilizado para organizar um tempo alienado, rotineiro e/ou obrigatório -, a novidade, o prazer, a sensação de risco, o inesperado. A construção do tempo de lazer é modo de identidade social e envolve aspectos intrínsecos que na noite encontram as sombras e jogos de luzes que encobrem realidades e salientam características num intrincado jogo de criação de imagens e *recentrar* do eu. A escuridão da noite dissimula, aparentemente, os comportamentos, facilitando a transfiguração do eu.

Esta valorização da identidade através do lazer é utilizada por Stebbins (2001) ao referir-se ao *casual leisure*, que define como sendo imeditato, gratificante, com relativa curta duração, necessitando pouco ou não especial treino para dele se tirar prazer (Stebbins, 1997, citado por Stebbins, 2001).

Se a esta interpretação juntarmos o facto de o “espaço geográfico ser um espaço percebido e sentido pelos homens, tanto em função do seu modo de pensamento como das suas necessidades” (Dollfus, 1982: 53) e que “as noções de acção e estrutura se pressupõem uma à outra, mas que o reconhecimento desta dependência, que é em si uma relação de tipo dialéctico, necessita da reformulação não só de uma série de conceitos associados a cada um dos termos, como dos próprios termos em

si” (Giddens, 2000: 11), temos o triângulo conceptual que serve a interpretação do lazer no tempo nocturno.

Isto porque este lazer implica: a) uma acção que se revela casual (como afirma Stebbins) pelas características dos modos de lazer; b) um espaço que conjugado com o tempo específico, influencia os percursos, itinerários e acções, tornando-os completamente diversos do tempo de luz natural; c) que a percepção tida deste tempo/espaço seja a outra (a da luz artificial e a dos *gatos pardos*) com as necessidades/desejos, criadas(os) intrinsecamente pelo indivíduo e extrinsecamente pelos outros agentes, a transformarem o espaço criando outra cidade.

A lógica é: se existe uma população diversificada e um conjunto de serviços associados a um espaço, porque não conjugar a capacidade de atracção dos lugares, pelos mais diversos motivos, com uma oferta de 24 sobre 24 horas de propostas de consumo atraentes para o cidadão normal. O consumo efectuado durante a noite é criador de emprego, mas é o tempo fora dele, através do lazer, que marca os lugares. Efectivamente cada vez mais as empresas, privadas e públicas, percebem a importância da noite. Tendo começado por ser um espaço quase exclusivo dos operários para manterem em contínuo a produção, cada vez mais se terciariza e é invadida pelo comércio e pelos serviços.

À ubiquidade do consumo, conquistada espacialmente pela cidade, junta-se a intemporalidade. Esta é proporcionada por um conjunto de serviços que passam a estar disponíveis 24 horas na cidade e que se ligam com a distribuição automática alimentar, monetária, de filmes. Salientam-se, também, as lojas de conveniência (quase sempre ancoradas nas estações de serviços) e como é obvio, os estabelecimentos de lazer. Na cidade de Coimbra, ainda que a implantação espacial no espaço urbano seja muito pontual, começa a aumentar a oferta destes lugares de consumo baseados no auto-serviço, que anunciam uma abertura 24 horas por dia, 7 dias por semana. Concebidos e definidos como lugares de passagem, a ocupação do espaço é minimalista, restringe-se aos distribuidores automáticos. Ainda assim, casos há em que é apresentado algum mobiliário sugerindo a permanência e a sociabilidade casual (Fig. 1).

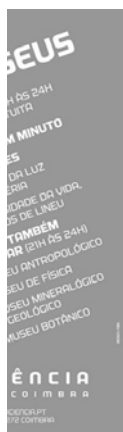


Fig. 1 – Distribuição automática de produtos alimentares, na Travessa da Avenida Dr. Mendes Silva, Vale das Flores (esquerda) e na Rua Padre António Vieira, próximo da Praça da República (direita).

A par destas iniciativas de investimento privado somam-se outras que conciliam o consumo e o lazer 24 sobre 24 horas. Em 2006, na noite de 29 para 30 de Junho, o

centro comercial, *DolceVita Coimbra* esteve aberto 24 horas, associando-se aos seus congéneres, numa iniciativa inédita em Portugal e na Europa, e que se repetiu, no mesmo dia do ano, em 2007 e em 2008. As actividades culturais, de recreio e divertimento estão sempre presentes, oferecidas a preços reduzidos, com a preocupação de abranger os consumidores de todas as idades e de aliar o consumo e o lazer.

As *noites brancas* (Allemand, 2005b; Gwiazdzinski, 2005; Alves, 2007) de que temos notícia em algumas das grandes cidades europeias (Bruxelas, Roma, Paris...), contam-se também entre os eventos que procuram preencher e povoar a noite de Coimbra. Organizam-se espectáculos, ocorrem manifestações artísticas que procuram cativar novos públicos, incentiva-se a fruição do espaço urbano à noite. O alargamento do horário do comércio até às 24 horas e o proporcionar de alguma animação cultural, foram o modo de materializar esta iniciativa em Coimbra.



Promoção da Noite dos Museus na cidade de Coimbra em 2008.

O lazer cultural sempre encontrou na noite um importante tempo de realização, também nos dias de hoje se ampliam e diversificam, na noite da cidade, as diferentes manifestações culturais. Os espaços culturais de tempos diurnos abrem-se à noite. A *Noite dos Museus*, evento de âmbito internacional, promovido pelo Ministério da Cultura e da Comunicação francês, que contou com a primeira edição em 2005 e com a adesão, em 2008, de vários museus da cidade/Universidade de Coimbra (Fig. 2), é disso um bom exemplo. As *24-hour cities, as cidades que não dormem*, imagens de marca de grandes metrópoles mundiais, experiências de algumas cidades como Manchester, Glasgow, Leeds (Heath & Stickland, 1997) e Lyon, são a expressão da conquista da intemporalidade da cidade.

O lazer nocturno incentiva o consumo³, pelo que à empresa num mercado neo-liberal importa promover o primeiro para escoar a produção e aumentar os lucros, através do segundo. Como refere Hubbard (2003) as questões da sustentabilidade das *24-hour cities* são centrais nas políticas do lazer contemporâneo.

À noite, as motivações, os interesses, as necessidades, os transeuntes/utilizadores, são diferenciados dos diurnos, os ritmos são outros, os usos que se fazem do espaço são outros. Há lugares cuja animação é exclusivamente nocturna, pelo que as actuações no âmbito das políticas públicas não podem decalcar as intervenções promovidas para o funcionamento da cidade durante o dia. Há serviços, como os transportes urbanos que diminuem de frequência à noite, sendo as carreiras em número restrito. É fundamental possibilitar a mobilidade entre as áreas de residência, os lugares de encontro à noite e os lugares de diversão nocturna.

É cada vez mais importante a intervenção do poder público, nomeadamente local, no planeamento dos espaços urbanos no outro tempo que é a noite.

³ O inverso também resulta verdadeiro.

Gwiazdzinski (2005: 72) considera que “o tempo permaneceu como o parente pobre das reflexões sobre o funcionamento, o ordenamento ou o desenvolvimento das cidades e dos territórios”, sublinhando, mais à frente, que os instrumentos de ordenamento ignoram a dimensão nocturna do espaço. Na realidade, a imagem da cidade à noite é, também, importante para atrair investidores e consumidores, e a competitividade entre espaços urbanos passa pela oferta de serviços nocturnos. Jayne (2006) considera que a quantidade e a qualidade de oportunidades de consumo que a cidade oferece é um elemento chave na competitividade. Como de resto sublinha Gwiazdzinski, (2005), nesta competição entre metrópoles/cidades a qualidade de vida, e nesta os lazeres nocturnos e a animação, têm um papel essencial.

Importa aqui analisar o processo de lazer na perspectiva do espaço que lhe é destinado, do espaço que para ele foi criado e dos ajustamentos que são efectuados a espaços associados a outras actividades ou funcionalidades, que não as de lazer, e que numa parte do tempo quotidiano e/ou hebdomadário (são esses que aqui especialmente nos interessam) se transformam em espaços de lazer. Assumindo que, como afirma Urry (1995: 20 e 21) “o consumo visual do espaço e do tempo é simultaneamente acelerado e captado a partir da lógica da produção industrial (...) a cidade tornou-se um espectáculo, um *sonho de consumo visual*” (Zukin, 1992: 221)⁴”

Como afirma Sennett (1991)⁵ citado por Urry (1995) “na cidade contemporânea os diferentes edifícios já não exercem uma função moral – os novos espaços mais significantes são os que se constroem em torno do consumo” (Urry, 1995). A valorização do consumo perante a produção, com as catedrais de consumo a serem centros de eventos de lazer, com os complexos de cinemas, diversão, ou outras actividades-âncora nos centros comerciais, recria a cidade através de policentrismos e novos centros com o centro principal a perder *tempo de centralidade* se não se refuncionalizar. Estes espaços de consumo marcam, de forma evidente a noite de Coimbra e condicionam os fluxos e as centralidades, escapando a outras funções que não sejam as do prazer e do lazer (pelo divertimento, pelas artes, pela sociabilidade, pelo desporto, pela evasão à rotina). Neste contexto, a desindustrialização e/ou revalorização dos centros urbanos joga um papel de potencialidade ou oportunidade, que se conjuga com o acréscimo da procura de lazer por populações cada vez mais diversificadas e não apenas os mais jovens.

A noite vai dar significado “não apenas ao valor imobiliário, mas também ao *capital cultural* representado pelos centros históricos (baixas) recuperados pelos urbanistas - recriando-os como sítios de um nova *urbanidade* centrada em torno de lazer, dentro do mercado de consumo e com prestigiadas áreas residenciais destinadas a sinalizar a nova *urbanidade* através dos ecos de *novo boémismo*, pioneiro da nobilitação da década de 1970 (Zukin, 1981 e 1991)” citado por Lovatt & O’Connor (1995: 127 e 128).

⁴ Zukin, S. 1992, *Landscape of Power*, Berkeley, University California Press.

⁵ Sennett, R. 1991, *The Conscience of the Eye*, Londres, Faber & Faber.

O espaço público *outdoor* e a luz artificial

A luz artificial permitiu ao ser humano conquistar a noite e os lugares à noite, permitiu estender a sua acção para além dos limites do crepúsculo, levando a que a vida social se estenda para além da luz natural e que os espaços ocupados deixem de se circunscrever à esfera privada. A tendência é clara: o ser humano procurou *emancipar-se dos ritmos naturais e artificializou a vida urbana* (Gwiazdzinski, 2005), apesar de à noite faltar o carácter ubíquo e uniforme da luz que caracteriza o dia (Bureau, 1997), porque a introdução da luz na noite cria crepúsculos e sombras que formam novas percepções e outras representações.

Foi a luz artificial, especialmente quando a fonte energética predominante passou a ser a da electricidade, que alterou profundamente o significado da noite nas cidades, carreando uma aura especial, uma nova beleza, (Brandi & Geissmar-Brandi, 2007). A luz artificial ao suavizar a transição do dia para a noite permitiu uma *colonização* (expressão utilizada por Gwiazdzinski, 2005) desta última. Foi a luz que abriu o espaço público urbano ao lazer nocturno, primeiro os *indoor* e posteriormente os *outdoor*.

Torna-se evidente que, hoje, podemos ter lazer para além da luz natural. Melhor, passámos a querer lazer para além da luz natural, porque, como foi dito acima, essa é uma forma de criar um mundo próprio distante ou diferente da ambiência do tempo de trabalho, tendo sempre presente que o lazer é um mercado de emprego em crescimento. Os espectáculos artísticos, desportivos ou de entretenimento entram noite dentro com intensidades de luz ajustadas aos seus propósitos.

Inicialmente a integração da luz artificial na cidade prendeu-se com questões meramente funcionais e que se ligam com a necessidade de tornar os espaços urbanos acessíveis à noite (Brandi & Geissmar-Brandi, 2007; Gwiazdzinski, 2005), permitindo a circulação, a segurança e a orientação, no espaço. A esta importância cada vez mais se alia a dimensão estética. A iluminação é cada vez mais artística, valoriza a arte urbana e cria espaços cénicos, sendo em si uma arte urbana: o *lighting design*⁶. Os *designers* de luz “esculpem as noites das nossas cidades e dão-lhes uma identidade nocturna por vezes bastante diferente daquela que têm durante o dia” (Gwiazdzinski, 2005: 85).

Se, como refere Narboni (2003: 12), vai ser em meados da década de 80 do século XX que surgem os primeiros *designers de luz*, os anos 90, do mesmo século, evidenciam, logo desde o início, uma cisão na concepção entre os que valorizam as iluminações patrimoniais e realçam a monumentalidade do espaço urbano e os que privilegiam o espaço público da noite como um lugar de convívio quotidiano. As necessidades de iluminação, em termo de densidade e de intensidade, são diferenciadas. Narboni (2003) reforça esta nova tendência afirmando que:

“iluminar o solo já não é a única função da luz na cidade. Os modos de vida evoluíram integrando novas necessidades, novos lazes e prazeres nocturnos. As

⁶ A *Luzboa* – Bienal Internacional da Luz – cuja primeira edição teve lugar em 2004 – é um evento cultural, em que artistas e criadores, conceituados, propõem intervenções de luz no espaço público: miradouros, jardins, ruas, praças, monumentos e conjuntos edificados, a estas intervenções de arte contemporânea somam-se eventos performativos que têm lugar no espaço público, ateliês, concursos, conferências, congressos, tendo a edição de 2006, por exemplo, contado com o *congresso da noite* (ver <http://www.luzboa.com>).

lojas das proximidades, em certos países, e os bares e restaurantes, noutros, mantêm-se abertos durante toda a noite ou parte dela. As actividades nocturnas (comerciais ou culturais) desenvolvem-se. Os monumentos ficam abertos à noite para propor outro tipo de descobertas (...). A oferta de visitas turísticas nocturnas aumenta e diversifica-se (...). Estas novas práticas urbanas (...) [impõem] uma discussão urbana sobre a cidade nocturna, os seus usos, as suas implicações e os seus públicos” (2003: 113).

A luz artificial é fundamental para a leitura, para a apropriação, e para o uso dos espaços, à noite, nas cidades contemporâneas. O espaço iluminado é mais facilmente fruível, daí que a animação nocturna da cidade pressuponha iluminação.

A modernidade tardia ou a pós-modernidade trouxe mais luz ao espaço público como a publicidade e os seus *spots*. Os *néons* urbanos marcam os lugares e são presenças que definem as centralidades da noite, criando impactos visuais diversos que passaram a estar presentes na cidade por questões estéticas, na definição da imagem da cidade. As lojas competem umas com as outras na iluminação das montras, nos anúncios luminosos.

O ordenamento da luz artificial é importante pela intensidade, ao permitir hierarquizar os lugares no espaço urbano nocturno, reafirmando lugares importantes para a cidade durante o dia ou subvertendo por vezes valorizações diurnas. Mas a sua artificialidade leva a que as hierarquias sejam, também elas, artificiais. Há espaços que ganham centralidade só em determinados dias, pense-se no *Estádio Cidade de Coimbra*, que se destaca na paisagem urbana nocturna em dias de provas desportivas ou de espectáculos, e que quotidianamente tem uma iluminação mais difusa, ou pense-se na Praça da Canção, que durante algumas semanas marca os ritmos nocturnos da beira-rio conimbricense, entre eventos esporádicos ao longo do ano.

É certo que a luz artificial transforma o espaço urbano, cria espaço urbano, (re)configura a cidade. Estamos perante outra paisagem urbana durante a noite. A percepção da cidade é diferenciada sendo o espaço vivido de um outro modo. A luz artificial converteu-se num *instrumento de ordenamento* (Narboni, 2003), devendo ser contemplada no planeamento das paisagens urbanas nocturnas.

A rua (Lefèbvre, 1978) é muito importante nas questões associadas ao quotidiano e ao uso dos espaços públicos. É, aliás, na rua que surgem novas formas de lazer, com o espaço público a ganhar, na noite, a luz artificial e a ambiência diurna, permitindo um uso diversificado num tempo nocturno. Actualmente as intervenções de (re)qualificação do espaço público urbano contemplam quase sempre o urbanismo de iluminação, a iluminação artificial que se faz das ruas, nomeadamente das pedonais, das avenidas, das praças, dos jardins, dos edifícios emblemáticos, dos cinemas, dos teatros, dos monumentos que integram o património histórico e cultural urbano. Valorizam-se os espaços construídos e os espaços verdes e de lazer, mas também os espaços de circulação, as rotundas e as pontes são importantes elementos a iluminar, assim como os planos de água.

Em Coimbra a colina da Universidade e o rio são elementos físicos da paisagem valorizados pela iluminação. O efeito da luz artificial duplica o efeito cénico da cidade à noite, quando reflecte nas suas águas, com um certo brilho, a iluminação artificial. A silhueta da cidade de Coimbra à noite, vista da margem esquerda, é dourada por uma iluminação única, de intensidade contrastante, desproporcional até, de lâmpadas de sódio, que com um tom amarelo, numa clara reprodução da luz solar, valorizam pontualmente alguns monumentos mas que deixam na sombra parte

do património: o conjunto do casario. Há uma identidade topográfica nesta imagem nocturna da cidade de Coimbra, nela uniformizam-se alguns dos elementos patrimoniais da paisagem, destacam-se as iluminações patrimoniais do Paço das Escolas, da Torre da Universidade, da Sé Velha e da Sé Nova. Para Narboni (2003: 98) “a silhueta de uma cidade, ou melhor, uma das suas possíveis silhuetas constitui, de certa maneira, a sua assinatura”. É através desta imagem que se faz o reconhecimento do espaço urbano à noite, é por esta(s) imagem(ns) que se faz o *marketing* territorial, importante para a promoção turística do espaço urbano.

Em Coimbra há uma preocupação recente com o efeito cénico das pontes durante a noite. A iluminação tem reforçado a singularidade de todas elas na paisagem nocturna da cidade. A ponte pedonal *Pedro e Inês*, de arquitectura simples, vê a cor dos painéis à noite ser valorizada pela luz artificial, o que resulta num efeito cénico de grande beleza, cores que pela luz se reflectem na escuridão do leito do rio, contrastam e evidenciam-se mais na paisagem do que durante o dia. O mesmo se passa com a ponte Rainha Santa cujos tirantes iluminados valorizam de noite esta infraestrutura encastelada, que de dia acaba por se diluir na paisagem, porque é o tabuleiro de rodagem de veículos que assume a primazia da funcionalidade. Destes efeitos cénicos tiram partido os vários espaços de lazer nocturno na cidade, especialmente os que se implantam nas margens do Rio Mondego.

As referências arquitecturais diurnas da paisagem urbana que quotidianamente, durante o dia, passam despercebidas ganham reconhecimento, protagonismo, na paisagem nocturna das cidades. Como afirma Narboni (2003: 67) “de dia, a paisagem da cidade impõe-se naturalmente ao nosso olhar. De noite, desaparece totalmente”, pelo que ao acrescentarmos a luz artificial produzimos novos lugares; valorizam-se os patrimónios da cidade, reconstrói-se a cidade, recria-se e afirma-se uma identidade urbana. A cor das luzes, cuja paleta é cada vez mais completa, as formas e o movimento que progressivamente se combinam com a luz permitem diferenciar as paisagens e os lugares urbanos, individualizando-os e tornando-os mais atractivos. Estes são sem dúvida elementos importantes para o consumo, nomeadamente, visual dos lugares (Urry, 1997).

A luz artificial valoriza o espaço, atrai agentes e actividades económicas, fazendo aumentar os níveis de confiança, de conforto, de segurança. A luz artificial assume à noite, no contexto do ordenamento da cidade, um papel importante, porque a luz é oferecida ao transeuntes urbanos como um convite a estarem na cidade (Brandi & Geissmar-Brandi, 2007).

Na cidade de Coimbra o elemento mais valorizado tem sido o centro histórico, mas neste as intervenções são pontuais, privilegiam-se quase essencialmente os monumentos e os espaços de circulação, como já se teve oportunidade de referir. Contudo, mais recentemente, outros fragmentos de iluminação artificial, pública e privada, têm surgido na cidade, associando-se a intervenções urbanísticas de reabilitação e de requalificação urbanas e/ou a novos espaços comerciais. Nestas intervenções a luz artificial destaca, conferindo singularidade, a pequenos elementos arquitectónicos, às fontes ou às árvores. Luzes encastradas no solo são projectadas para cada árvore. Estas intervenções têm valorizado as margens do Rio Mondego, as praças que se dispersam um pouco pela cidade, bem como as áreas adjacentes a elementos patrimoniais de relevo. Estas intervenções são importantes na medida em que integram os lugares no espaço da cidade, potenciando a sua fruição.

O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, pode ser identificado como um bom exemplo, ao ser alvo de um projecto de valorização com o intuito de melhor o integrar no espaço urbano da frente ribeirinha. Grande conquista do ordenamento e urbanismo urbano desta Coimbra do século XXI foram os espaços públicos de lazer nocturno que se ancoram nas margens do Rio Mondego, elemento físico importante na identidade de Coimbra, durante muito tempo vedado à população.

Entre as intervenções privadas destacam-se as fachadas principais dos novos espaços comerciais. São amplas e em vidro, o que torna transparente o interior, dominado por combinações de luzes, de cores e de formas que são visíveis do exterior, com coreografias de luzes que produzem uma paisagem exterior mutante, e que atraem para si as populações como a lâmpada acesa se torna irresistível para o bailado da borboleta. Interessante é verificar como as composições arquitectónicas se enquadram na identidade da cidade. O *FórumCoimbra*, localizado numa colina na margem oposta ao Pólo I da Universidade, recria e faz sobressair à noite com uma iluminação vermelha uma torre que “rivaliza” e complementa a da Universidade (o saber e o lazer).

Uma espaço-temporalidade do lazer em Coimbra

Coimbra é uma cidade de média dimensão que se afirma no sistema urbano regional e nacional pela prestação de serviços muito diversificados, desde os administrativos locais, regionais desconcentrados, de educação (ensino secundário mas fundamentalmente ensino superior), de saúde, até aos comerciais e privados às pessoas e às empresas. O seu perfil funcional, assente num terciário especializado nos domínios da educação, da saúde e das novas formas comerciais, tem sido o *móvil* da sua expansão espacial, de um crescimento urbano polarizado, polinucleado, que se reflecte na criação de novas centralidades urbanas, funcionais e sociais.

A cidade organiza-se em torno de um centro que apresenta dualidades significativas: de relevo (a Baixa e a Alta); de acessibilidades (geral e específica); de clientela (ecléctica e elitista), de tradições (futricas e estudantes); de tempo de uso (vazio nocturno e vida nocturna). Para além deste centro os novos pólos universitários de ciência e de tecnologia e o das ciências da saúde, Pólo II e Pólo III, respectivamente a norte e a sul do centro da cidade, que se localizam imediatamente no limite interior dos eixos viários que circundam externamente a cidade, são marcos territoriais de crescimento e ajudam, actualmente, a configurar o espaço urbano que esboça as novas centralidades económicas, sociais e culturais que se apresentam em fase de consolidação. Muitas destas centralidades estão ancoradas em importantes centros comerciais que, servindo as áreas urbanas consolidadas, têm criado novas centralidades e induzido intervenções no espaço público, que atraem à cidade novas clientelas.

As actividades de lazer, especialmente associadas ao consumo, marcam a cidade e a sua imagem e isso acontece de forma evidente em Coimbra. As ofertas, com uma divulgação ampla e diversificada, permitem a definição de um *ranking* de actividades de lazer, cultura e recreio muito importantes para as cidades a que estão associadas. Efectivamente é possível perceber que existe “ênfase no divertimento (o carnavalesco, o festivo, a feira) [e esta] socialização do passear ocioso podia ter efeitos mais amplos. Estas actividades, anteriormente vistas como secundárias e

marginais para a verdadeira cidade de negócios, começam a suscitar o debate sobre o que a cidade pode e deve ser” (Lovatt & O’Connor, 1995: 129).

Veja-se o caso de Coimbra com a Queima das Fitas, as Festas da Rainha Santa Isabel, os complexos *multiplex* de cinemas (*DolceVita* e *FórumCoimbra*), os Encontros de Fotografia, os Encontros Mágicos, as Tunas, os Palácios de Desportos, os Estádios de Futebol, a diversificação da oferta de restauração e de casas de sociabilidade nocturna nos centros históricos, a recuperação de espaços monumentais e espaços verdes para utilizações diurna e nocturna (Parque Verde do Mondego, Jardim da Sereia, Praça da Canção, envolvimento do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha), o Portugal dos Pequenitos.

Não há dúvida que “o resultado do aumento da importância do valor económico dos espaços de lazer foi a proliferação de estádios de desportos (Bale, 1993), *resorts*, centros comerciais de lazer e centros de entretenimento (Kawking & Gibson, 1994), centros de convenções, marinas e hotéis, restaurantes exóticos, centros de diversão, *playgrounds* e equipamentos culturais em áreas urbanas (Zukin, 1995; Cramer, 2000)” (Lloyd & Auld, 2003: 339). No caso da cidade de Coimbra o complexo desportivo *Euroestádio*, por exemplo, que foi profundamente renovado/reabilitado para acolher o Europeu de Futebol 2004, tem associada uma área residencial, um pavilhão multiusos, piscinas, um centro comercial, sendo um espaço voltado para o consumo com um papel importante na requalificação/regeneração urbana.

Como afirmam Fortuna & Peixoto (2002) Coimbra apresenta uma “imposição de novos símbolos urbanos e a eclosão de novas formas de representar a cidade [porque] (...) as cidades, são para além daquilo que são no seu plano tangível e material, realidades socialmente apropriáveis e imaginadas, suscitando muitas vezes imagens contraditórias ou conflituais e assumindo, nessa medida, uma identidade difusa e mutável” (Fortuna & Peixoto, 2002: 59). Julgamos que esta imaterialidade se expressa em formas significativamente importantes através das ancoragens que são efectuadas aos modos, espaços e tempos nocturnos, através dos lazeres oferecidos à população autóctone, de passagem e turista.

Aliás, nas referências a Coimbra, a cidade é entendida, com alguma frequência, como “cidade de passagem em que se fica por uns anos até os estudos acabarem” (Fortuna & Peixoto, 2002: 31). Este acréscimo de população adulta-jovem, com habilitações literárias acima da média, com liberdade acrescida, pelo afastamento em relação à família e a obrigações familiares, com dinheiro de bolso, que lhes permite uma fácil integração em situações de consumo, influencia a organização da *economia da noite* (EN). Um inquérito, por questionário, realizado em 2006, que teve como universo jovens-adultos a frequentar a Universidade de Coimbra, permitiu, através de uma amostragem, concluir que as despesas com o lazer não adquiriram grande representatividade no conjunto das despesas que este jovens efectuam, participando em actividades de lazer pouco dispendiosas. Um número muito significativo indica que estas representam de 10 a 20 % das suas despesas, estimando-se que com ofertas urbanas cada vez mais diversificadas estas tendam a aumentar. Os mais de 70% de alunos que afirma despendem mais de 10% do seu dinheiro disponível em lazer evidencia a importância da noite no seu quotidiano e mostram que o lazer é incontornável enquanto veículo de inclusão social. Assim o significado da Universidade não é apenas evidente no urbanismo, mas também na economia, na sociedade, com os jovens-adultos a desempenharem um papel essencial na dinamização destas. Este facto é tanto mais importante quanto sabemos

que as despesas principais (alojamento, alimentação e transportes) representam um investimento significativo na vida destes estudantes.

Nesta perspectiva, importa, pois, saber quais os espaços da cidade que se transformam para a vida nocturna.

Como se promove, como se organiza, como se vive a noite numa cidade de estudantes? Coimbra não é um expoente máximo neste viver a cidade à noite. O inquérito indicativo, a que já se fez alusão, permitiu saber como se repartem as práticas de lazer nos quotidianos destes jovens. O inquérito permitiu concluir que um número muito significativo de jovens destina a noite à prática de actividades de lazer (aproximadamente 60% dispensem mais de 30% do seu tempo de lazer à noite). Um número não negligenciável, situa os seus lazes durante o dia, devido a uma grande flexibilidade na gestão do tempo durante o dia.

As práticas de lazer nocturno são diversas, numa tipologia de classificação *indoor* e *outdoor*, reconhece-se que são estas últimas as mais importantes para a *economia da noite* (EN) dos espaços urbanos. De facto os mais de 20 000 estudantes representam cerca de um quinto da população que faz uso quotidiano dos espaços da cidade e aumenta significativamente a clientela potencial dos lazes nocturnos, pelo que não devem ser negligenciados. Centrando-se precisamente no *selling nightlife in studentland*, Chatterton & Hollands (2003) procuram analisar como é produzida, regulada e consumida a *student nightlife*. Sublinham que a vida social e nocturna é essencial para a identidade dos estudantes: “encontrar amigos, *rendez-vous* amorosos, brincadeiras e as noites fora de casa são tão ou mais importantes para a experiência universitária do que o *currículum* formal” (2003: 127).

Os operadores económicos nocturnos procuram cada vez mais ajustar as ofertas aos interesses, às motivações, aos ritmos, aos hábitos de consumo, aos estilos de vida, enfim ao perfil destes consumidores jovens-adultos, que prolongam cada vez mais os estudos, que dispõem geralmente de um tempo livre muito dominado por um tempo de lazer. Combinam, de forma crescente, o estudo e o emprego em *part-time*, como modo de viabilizar consumos diversos, nomeadamente os da noite. Com os lugares e os consumos a servirem de construtores de identidade – porque há uma relação dinâmica e complexa entre lugar, consumo e identidade (Pain *et al.*, 2001: 53) – usam os tempos e os espaços da noite para as suas sociabilidades, e os operadores “como tal, os operadores comerciais da vida nocturna ajudam a construir a comunidade estudantil e as experiências do estudante, e estes ajudam a criar a vida noturna” (Chatterton & Hollands, 2003: 126).

O lazer nocturno é fortemente conotado pelos estudantes com um tempo de *divertimento*, de *distracção* de *descontracção*, para estar com os *amigos*, propício ao *convívio*, ao *companheirismo*, o que pressupõe a saída, o fora de casa. Cabe pois à iniciativa privada e aos poderes públicos criar os espaços que vão ao encontro destes interesses que são também necessidades.

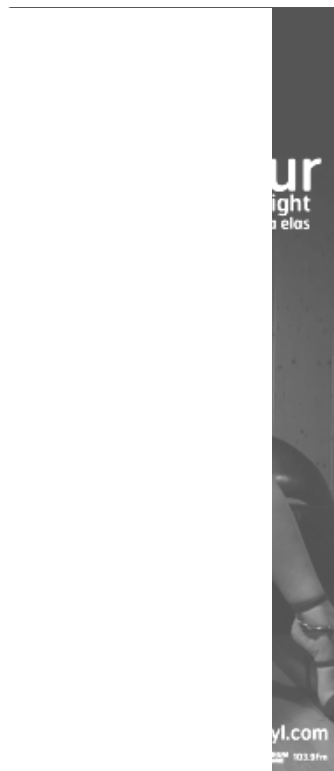
Coimbra está certamente entre as cidades universitárias portuguesas com maior vida nocturna orientada para os estudantes, facto que contribui para a escolha da Universidade em que muitos se querem matricular. A noite foi sempre, para os estudantes, um tempo de vida boémia, de libertação, de livre arbítrio. O espaço público (ruas, praças, jardins, parques de lazer) conotado como um espaço adulto é progressivamente ocupado pelos estudantes, nesta fase em que muitas das vezes se desvinculam dos familiares mais próximos, ocupam a noite e os espaços da cidade

de modo mais intensivo. É notória, nesta presença massiva dos estudantes na noite, uma desconstrução do espaço público como sendo um espaço *adulto* (Almeida, 2003). Esta fase de transição para as responsabilidades da vida adulta é marcada pela liberdade e por um lazer hedonístico. Os consumos, nomeadamente de álcool são importantes nestas transições (Northcote, 2006). Associado ao lazer nocturno estão os consumos não só de tabaco como de álcool, sendo de facto as actividades de lazer nocturnas associadas, à iniciação, e à manutenção de vícios, à *loucura*, à elevação dos níveis de adrenalina. Mas mais expressivo é também o facto do lazer nocturno se conotar com o bem-estar e com o relaxamento. A pequena/média dimensão urbana de Coimbra reduz a expressão da *violência* e do *risco* associado aos espaços de lazer na noite. Efectivamente, a atracção pela noite é muito importante, porque a *distracção*, o *convívio* e o *bem-estar* correspondem a 53,8% das respostas dadas, sendo as referências negativas e de utilização da noite sem associação ao lazer de apenas 9,3%.

O lazer nocturno em Coimbra está ancorado nas ruas, mas essencialmente nos parques e nas praças da cidade. A Praça da Sé Velha é o lugar das Serenatas; o Parque Manuel Braga acolheu durante anos as *Noites da Queima das Fitas*, hoje transferidas para a Praça da Canção; a Praça 8 de Maio é ponto de encontro às Terças e Quintas-feiras para os *jantares de curso*, que acontecem,

preferencialmente, na *baixa* da cidade. A Praça de República é a referência de encontro mais usada quotidianamente pela população estudantil, o seu cruzamento é socialmente obrigatório nos trajectos de, e para, a Universidade. Estes *pontos de encontro* são lugares de animação social e cultural, sendo referenciais importantes na vida urbana diurna e essencialmente nocturna. A partir deles estrutura-se uma itinerância, que começa nos cafés, que se direcciona para os restaurantes, que continua nos bares/*pubs* e que termina nas discotecas, mas que integra os cinemas e os centros comerciais. De facto, também aqui, “a mobilidade tornou-se (...) o traço distintivo da ocupação nocturna da cidade” (Almeida, 2003: 18). É nos *pontos de encontro* que se discute, que se estrutura o lazer da noite.

À tradição académica, onde se integram as serenatas e as



dies night
Coimbra, em
oferta para

praxes, actividades características dos espaços públicos de Coimbra, soma-se uma oferta cultural promovida pela instituição universitária e pela associação de estudante e, cada vez mais, uma oferta privada que se vai dispersando pelo espaço público, procurando as novas centralidades, mas que gravita essencialmente em torno da Praça da República, ocupando as ruas que convergem para esta praça, e que tiram partido da proximidade de duas referências culturais importantes na noite para a população estudantil: o Teatro Académico Gil Vicente e a Associação Académica de Coimbra.

Os espaços privados de lazer nocturno na cidade promovem frequentemente eventos que vão das festas temáticas aos espectáculos ao vivo, do teatro à poesia, da magia às exposições de pintura e de escultura, dos espaços de acesso à Internet aos salões de jogos (*snooker*, bilhar...). Alguns integram espaços reservados onde comercializam um pequeno número de peças alternativas, vestuário e *bijouterie*, e oferecem dança e música. Estes espaços direccionam-se tendencialmente para determinados estilos musicais, importantes para assinalar e distinguir socialmente os frequentadores: jazz, blues, rock, hip hop, música latina, fado... Para Jayne (2006: 21) “os objectos de consumo são *textos* que podem ser *lidos*, interpretados, apropriados e re-apropriados”. Evidencia-se assim quão importante é o lazer nocturno para o consumo, para a formação cultural e identitária. A noite, efectivamente, abre espaço às culturas urbanas, ou como se encontra em Northcote (2006: 5), às *subculturas*. E isto porque “o lazer é claramente um dos meios através do qual nos integramos e identificamos com outras pessoas, assim constituindo grupos sociais” (Pain *et. al*, 2001: 61).

As mulheres são cada vez mais consumidoras emergentes da noite, que importa cativar e seduzir. A população feminina integra de modo crescente o meio académico português e a academia de Coimbra, pelo que a criação de *Ladies nights*, em espaços de lazer nocturno, tem-se revelado como uma importante estratégia de *marketing*, adoptada por alguns espaços da *economia da noite* na cidade (Fig. 3), com ofertas que incentivam o consumo com o consumo. Efectivamente se atendermos ao conteúdo da Fig. 3 as mulheres são um elemento importante na noite e intrinsecamente ligado a estas a dimensão erótica e o prazer, ligado ao sexo e às relações entre os géneros.

Muitos destes espaços privados de lazer nocturno, seguem a tendência de outras actividades terciárias, estando associados às cadeias de *franshising*. (Re)Criam por todo o país urbano ambientes diversificados, muitas vezes distantes fisicamente, convidando os frequentadores a transpor o universo cultural que lhes serve de contexto quotidiano. Estes espaços de lazer, no tempo da noite, são importantes para a formação cultural, para a definição de estilos de vida para (re)construir as identidades individuais e sociais. A promoção destes espaços anuncia um ambiente frequentemente *diverso*, mas não raras vezes *jovem, universitário, estudantil*, o que ilustra bem o público-alvo destes estabelecimentos que se implantam numa cidade com grande tradição académica, vivida por académicos que fazem um uso contínuo e continuado da noite. Deste modo, e como afirmam Chatterton & Hollands, “os estudantes têm um importante papel na economia de muitas localidades, não apenas na habitação e no mercado de trabalho, mas também em termos de despesas e consumo. Uma parte significativa deste impacto ocorre na *economia da noite*” (2003: 134).

É importante identificar onde se localizam, na cidade, os estabelecimentos que promovem as actividades de lazer nocturnas. Para isso, foi efectuado um levantamento dos bares, discotecas, teatros e das salas de cinemas.

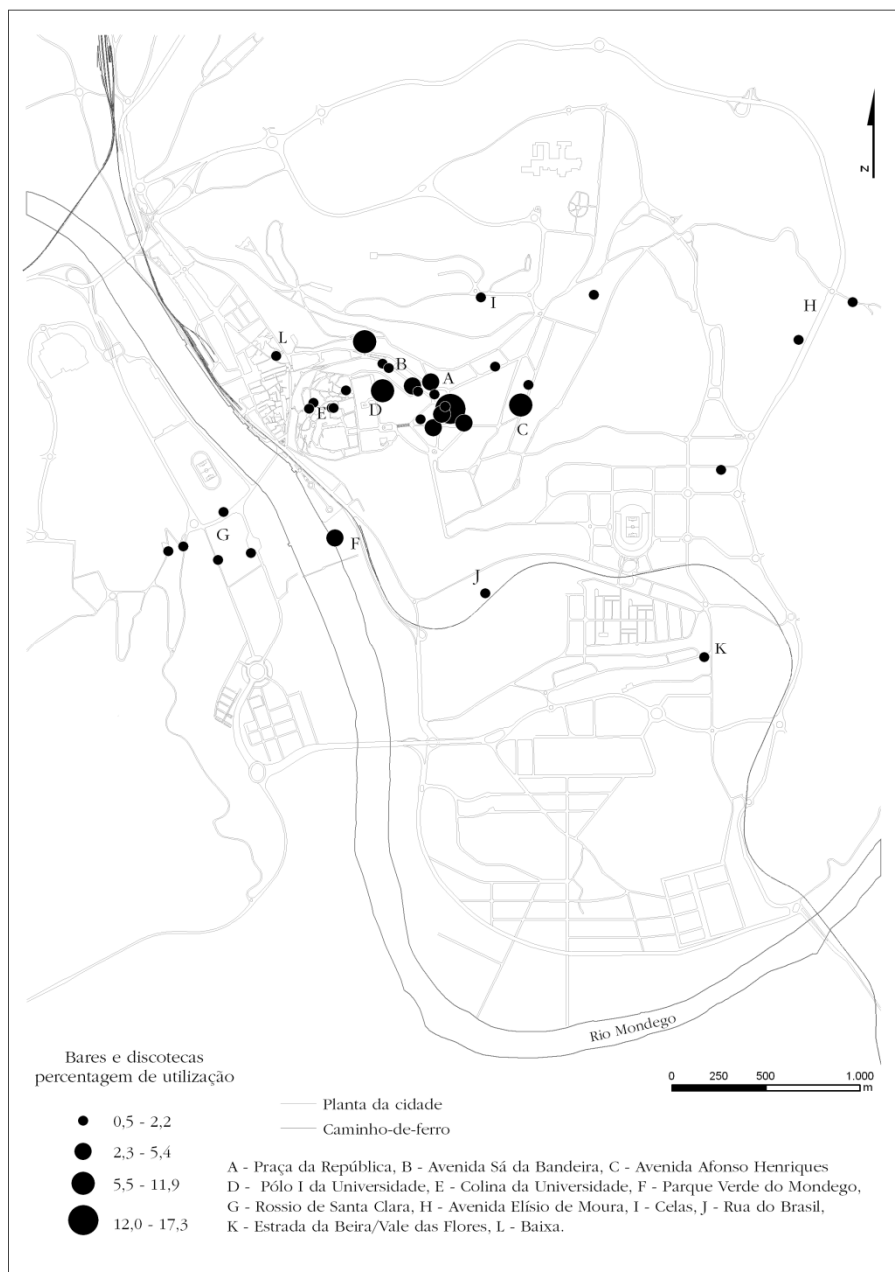


Fig. 4 – Espaços de lazer nocturno frequentados pelos jovens universitários, na cidade de Coimbra, em 2006.

Assim, a maior concentração da oferta coincide com o Centro Histórico. Está ancorada na Alta da cidade, mas encontra ramificações na Baixa, penetrando pouco na Baixinha que à noite se converte num espaço mais inseguro. A oferta surge ainda associada à Avenida Sá da Bandeira e à Rua da Manutenção Militar bem como a algumas artérias que estão na envolvente desta última. As margens do Rio Mondego têm vindo a reforçar progressivamente a sua importância em termos de oferta de lazer nocturno. Devido aos investimentos efectuados no Parque Verde, na margem direita do Mondego, foi possível tornar as duas margens (toda a envolvente da Ponte de Rossio de Santa Clara/Portagem) em lugar de animação nocturna. Também a Praça da República constitui uma importante centralidade de lazer bem como os eixos que para esta confluem e efectuam a ligação à Avenida Afonso Henriques, outro *centro* de actividades de lazer. No restante espaço urbano o padrão é disperso, realçando-se os espaços comerciais, nomeadamente pela oferta em termos de salas de cinema.

A actividade de lazer nocturno manifesta-se de forma mais evidente nas discotecas, nos teatros, nos cinemas, nos bares e nos cafés nocturnos. É evidente que os bares/*pubs* e discotecas se concentram preferencialmente em lugares históricos, emblemáticos, com uma carga simbólica, que se ligam com a imagem da cidade de Coimbra, ou muito próximos destes, sempre buscando a proximidade com a clientela mais efectiva: a população universitária. Localizam-se, por isso, na proximidade do Pólo I da Universidade, no Largo da Sé Velha, mas também na Praça da República e Avenida Sá da Bandeira. Esta Avenida adquire deste cedo importância como espaço social de traçado linear. A característica de *boulevard*, que lhe é conferida pelo jardim que ocupa o seu eixo central, responde aos ideais de sociabilidade de oitocentos e novecentos, recebendo, hoje, novos modos de relação e expressão individual pública. A dimensão cultural deste eixo de circulação está patente pelas construções: do Teatro-circo Avenida (1892) (onde se veio a implantar o Centro Comercial Avenida); do Teatro Académico Gil Vicente e da Associação Académica de Coimbra. Importância cultural que tende a persistir, sendo esta Avenida animada hoje pela produção destes dois espaços de referência na noite de Coimbra, que se materializam na Praça da República, a par com os diversos investimentos privados.

Estes vínculos dos espaços públicos e privados de lazer nocturno ao espaço público urbano detentor de uma carga simbólica, patrimonial, cultural, relevante, são importantes para os jovens não só pelo efeito cénico e por questões identitárias mas pelo facto de beneficiarem em tempo e custos de deslocações na noite destas economias de aglomeração.

Estas actividades nocturnas cuja abertura se faz ao início da tarde ou ao princípio da noite são, quando directamente acedidos através da rua/espaço público, frequentemente lugares discretos, passando despercebidos aos transeuntes urbanos durante o dia. São espaços fechados, misteriosos, como a noite, que só se desvendam com a sua frequência.

Os estudantes, uma clientela adulta-jovem, definem territórios de lazer nocturno muito circunscritos, embora ocasionalmente surjam utilizações mais diversificadas espacialmente. A utilização de espaços da *economia da noite* centra-se em torno da Praça da República (A) e apresenta três ramificações bem definidas: ao longo da Avenida Sá da Bandeira (B), até à Avenida Afonso Henriques (C) e em direcção ao Pólo I da Universidade (D). É nestes espaços que se localizam os estabelecimentos

da noite de Coimbra mais referidos pelos inquiridos: Via Latina, Vinyl, Shot's Procura-me e Centro Cultural D. Dinis. É igualmente visível a utilização dos estabelecimentos da colina da Universidade que se localizam próximo da Praça da Sé Velha e no Quebra Costas e que se posicionam como forma de alargamento da área de lazer nocturno do Pólo I da Universidade (E).

Para além dos lugares já referidos é possível identificar outras duas áreas, posicionalmente menos centrais na cidade, que evidenciam alguma atractividade sobre a população estudantil. Um espaço mais recente e com uma procura intensa é o conjunto, ainda que restrito, de bares que se situam na margem direita, no Parque Verde do Rio Mondego (F), e em Santa Clara, extensão na margem esquerda do núcleo urbano terciário central (G).

Estas áreas preferenciais da noite são completadas por outras com utilizações mais pontuais, estas dizem respeito a espaços de lazer nocturno que estão integrados em áreas residenciais: localizam-se na Avenida Elísio de Moura (H), em Celas (I), na Rua do Brasil (J), na Estrada da Beira/Vale das Flores (K) e numa área com um perfil funcional menos residencial mas mais terciário: a Baixinha (L).

Considerações finais

Com diferentes tradições em termos de abordagem teórica e de investigação empírica o lazer e a noite têm adquirido cada vez maior importância nos quotidianos urbanos, reflectindo a investigação científica, efectuada no domínio das Ciências Sociais, interesse em compreender estas duas realidades que se combinam de forma crescente entre si e com o consumo. Como ficou demonstrado se a investigação sobre o tempo livre e o lazer se funda numa já mais longa tradição académica a noite e a *economia da noite* são um objecto de estudo relativamente recente.

A vida de emprego e de trabalho é cada vez mais orientada para viabilizar o consumo, para diversificar as opções e para ampliar espacialmente as possibilidades de lazer. A noite, por sua vez, abre novas possibilidades ao dia natural e converte-se num tempo de extensão do trabalho mas também do lazer. Os espaços urbanos têm-se ajustado progressivamente às novas necessidades e desejos, refuncionalizam-se espaços industriais, recupera-se o património arquitectónico com significado histórico, valoriza-se o espaço público, requalificam-se as margens dos rios. A cidade abre(-se) à fruição e à noite.

Há na modernidade tardia uma preocupação evidente em estetizar o espaço urbano nocturno, não só o público como o privado. A luz artificial tem desempenhado, neste âmbito, um papel extremamente importante, ao permitir a vivência do espaço, conferindo segurança aos transeuntes, evidenciando e dando espectacularidade aos elementos urbanos, por mais insignificantes que aparentemente sejam. Cada elemento é encenado no palco urbano, sendo o efeito cénico importante para a animação da cidade à noite e para a competitividade do espaço urbano na economia da noite, para o *marketing* territorial, relevante, nomeadamente, para as actividades de lazer e para o turismo, por isso para a economia da cidade. Os espaços de consumo e de lazer nocturno participam neste *décor*, e beneficiam dos investimentos que, neste domínio, se têm efectuado nos espaços públicos, sendo a cidade de Coimbra um bom exemplo.

Os espaços de lazer nocturno são importantes referenciais para a identidade social, havendo uma valorização social e simbólica dos lugares frequentados e

consequentemente dos seus frequentadores, pelo que os jovens universitários ancoram as suas práticas de lazer nocturno em espaços preferenciais, espaços que pela localização se vinculam ao património cultural, histórico e construído do espaço urbano. O mapa dos espaços de lazer nocturno, no espaço urbano de Coimbra, mostra o padrão da oferta concentrado na Praça da República, no Largo da Sé Velha, na Colina da Universidade, nas margens do Rio Mondego, com uma expressão muito significativa na margem esquerda, em Santa Clara, dispersando-se, todavia, cada vez mais pelo espaço urbano, estando próxima de importantes áreas residenciais como a Solum (S. José) e Celas.

É fundamental em termos de políticas de planeamento e de ordenamento urbano na cidade de Coimbra identificar os espaços de lazer nocturno, preferencialmente usados por uma população adulta-jovem, regular os horários de funcionamento, promover a vigilância e a segurança destes espaços, nomeadamente dos espaços públicos envolventes, facilitar a mobilidade espacial entre estes diferentes núcleos de concentração da oferta que se convertem nos epicentros da procura, promover ofertas de lazer complementares nos lugares principais, intervir na limpeza, na reabilitação e na requalificação dos espaço público, investindo numa iluminação que produza efeito cénico, que valorize os patrimónios existentes para que o espaço possa ser palco de ofertas valorizadoras do território urbano e dos quotidianos das pessoas. É possível e importante tornar o lazer em revitalizador dos desertos do centro urbano da cidade antiga.

Bibliografia

- Allemand, S. 2005a. 'La ville 24 heures sur 24. Les rythmes de la ville', *Sciences Humaines*, 156, Auxerre, pp. 18-19.
- Allemand, S. 2005b, 'La ville 24 heures sur 24. Les «passagers de la nuit»', *Sciences Humaines*, 156, Auxerre, pp. 20-25.
- Almeida, M. I. M. 2003, *Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rocco, Rio de Janeiro.
- Alves, T. 2006, Os espaços públicos e a arte da luz na construção da sustentabilidade das cidades, in *Iberografias*, nº8, O Interior Raiano do Centro de Portugal, coords. R. Jacinto & V. Bento, Campo das Letras, pp. 387-403.
- Alves, T. 2007, 'A noite, a cidade e a geografia das actividades económicas', in *Geophilia: o sentir e os sentidos da Geografia*, Centro de Estudos Geográficos de Lisboa, pp. 489-500.
- Brandi, U. & Geissmar-Brandi, C. 2007, *Light for cities. Lighting design for urban spaces*, Birkhäuser, Hamburgo.
- Brée, J. 1994, *Le comportement du consommateur*, Que sais-je?, PUF, Paris.
- Baudrillard, J. 2007, *A sociedade de consumo*, Edições 70, Lisboa.
- Bureau, L. 1997, *Géographie de la nuit*, L'Hexagone, Québec.
- Chatterton, P. & Hollands, R. 2003, *Urban nightscapes youth cultures, pleasure spaces and corporate power*, Routledge, Londres.
- Crang, M. 2001, 'Rhythms of the city: temporalised space and motion', in *Timespace geographies of temporality*, eds. J. May & N. Thrift, Routledge, Londres, pp. 187-207.
- Crouch, D. 1999, 'The intimacy and expansion of space', in *Leisure/tourism geographies. Practices and geographical knowledge*, ed. D. Crouch, Critical Geographies, Routledge, Londres, pp. 257-290.
- Crouch, D. (ed.) 1999, *Leisure/tourism geographies. Practices and geographical knowledge*. Critical Geographies, Routledge, Londres.

- Dollfus, O. 1982, *El espacio geográfico*, Col. Qué sé? Nueva Serie, Oikos-tau, Barcelona.
- Dumazedier, J. & Prost, G. 1962, 'Géographie des loisirs', in *Géographie Générale, Encyclopédie de la Pleiade*, Gallimard, Paris, pp. 1703-1716.
- Dumazedier, J. 1962, *Vers une civilisation du loisir?* Points, 29, Éditions du Seuil, Paris.
- Fortuna, C. & Peixoto, P., 2002, 'A recriação e reprodução de representações no processo de transformação das paisagens urbanas de algumas cidades portuguesas', in *Culturas urbanas em Portugal, Projecto e circunstância*, orgs. C. Fortuna & A. S. Silva, , Edições Afrontamento, Porto, pp. 17-63.
- Galbraith, J. K. 1992, *La cultura de la satisfacción. Los impuestos, para qué? Quiénes son los beneficiários?* Sociedade Económica, Ariel, Barcelona.
- Gama, A. 1988, 'Notas para uma geografia do tempo livre', *Cadernos de Geografia*, 7, Instituto de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras, Coimbra, pp. 203-217.
- Gama, A. & Santos, N. P. 1992, 'Tempo livre, lazer e terciário', *Cadernos de Geografia*, 10, Instituto de Estudos Geográficos, Coimbra, pp. 99-129.
- Giddens, A. 2000, *Dualidade da Estrutura. Agência e Estrutura*. Celta Editora, Oeiras.
- Giddens, A. 2002, *As consequências da modernidade*. Celta Editora, Oeiras.
- Gwiazdzinski, L. 2000, 'La nuit, dernière frontière'. *Les Annales de la Recherche Urbaine*, 87, pp. 81-88.
- Gwiazdzinski, L. 2005, *La nuit, dernière frontière de la ville*, L'Aube, Paris.
- Harvey, D. 1992, *The condition of postmodernity: an enquiry into the origins of cultural change*, Blackwell, Cambridge.
- Heath, T. & Stickland, R. 1997, 'The twenty-four hour city concept' in *Safer city centers: Reviving the public realm eds.* T. Oc & S. Tiesdell, Paul Chapman, Londres, pp. 170-183.
- Henriques, E. B. & Feio, P. A. 1995, 'Os espaços de lazer nocturno: Algumas notas a propósito do caso de Lisboa', in *A geografia Portuguesa, Debater as mudanças, preparar o futuro (II)*, II Congresso da Geografia Portuguesa (Actas), Associação Portuguesa de Geógrafos, Lisboa, pp. 467-477.
- Hourdin, G. 1970, *Uma civilização dos tempos livres*. Col. O tempo e o modo, Moraes Editores, Lisboa.
- Hubbard, P. 2003, 'A good night out? Multiplex cinemas as sites of embodied leisure', *Leisure Studies*, 22, Routledge, Taylor & Francis, pp. 255-272.
- Jayne, Mark, 2006. *Cities and consumption*, Routledge, Oxon.
- Kwiatkowska, A. 1999, 'Nomadic-symbolic and settler-consumer leisure practices in Poland', in *Leisure/tourism geographies. Practices and geographical knowledge*, ed. D. Crouch, Critical Geographies, Routledge, Londres, pp. 126-136.
- Langman, L. 1992, 'Neon cages. Shopping for subjectivity', in *Lifestyle shopping. The subject of consumption*, ed. R. Shields, The International Library of Sociology, Routledge, Londres.
- Lafargue, P. 1991, *O direito à preguiça*, Breve, Editorial Teorema, Lisboa.
- Lefèbvre, H. 1978, *De lo rural a lo urbano*, Ediciones Península, Historia, Ciencia, Sociedad, 79, Série universitária, Barcelona.
- Lloyd, K. & Auld, C. 2003, 'Leisure, public space and quality of life in urban environment', *Urban Policy and Research*, vol. 21, nº 4, Carfax Publishing, Taylor & Francis, pp. 339-356.
- Lovatt, A. & O'Connor, J. 1995, 'Cities and the night-time economy', *Planning Practice and Research*, vol. 10, 2, Journals Oxford, Taylor & Francis, pp.127-133.
- Martins, L. S. 2004, *Espaços de lazer e de turismo no noroeste de Portugal*, Afrontamento, Porto
- Moreira, C. O. 2005, *A geografia e o género: um encontro urbano, os tempos e os espaços nos territórios de Coimbra*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Narbone, R. 2003, *A luz e a paisagem: criar paisagens nocturnas*, Livros Horizonte, Lisboa.

- Northcote, J. 2006, 'Nightclubbing and the search for identity: making the transition from childhood to adulthood in an urban milieu', *Journal of Youth Studies*, 9 (1), Routledge, Taylor & Francis, pp.1-16.
- Pain, R., Barke, M., Fuller, D., Gough, J., MacFarlane, R. & Mowl, G. 2001, *Introducing social geographies*, Arnold, Londres.
- Saez, G. 2002, 'Les loisirs, temps social, temps pour soi, tempo aménagé', in *Le Règne des Loisirs*, dirs. A. Huet & G. Saez, Bibliothèque des Territoires, Coll. Monde en cours, Editions de L'Aube, Datar, Paris, pp. 11-40.
- Santos, N. P. 2001, *A sociedade de consumo e os espaços vividos pelas famílias. A dualidade dos espaços, a turbulência dos percursos e a identidade social*, Centro de Estudos Geográficos, Edições Colibri, Lisboa.
- Santos, N. P. to appear, 'Globalisation and the relationship work/leisure. From standardisation of leisure to work flexibility', in *Marginalization, Globalization, and Regional and Local Responses*, eds. M. M. Valença, UGI, Federal University of Rio Grande do Norte, Natal.
- Santos, N. P. 2005, 'Lazer, espaço e lugares', in *Os Lugares do Lazer*, ed. R. M. Gomes, Col. Estudos, Instituto do Desporto de Portugal, Lisboa, pp. 122-143.
- Soja, E. 1995, *Postmodern geographies: reassertion of space in critical social theory*, Verso Haymarket Series, Londres.
- Stebbins, R. 2001, 'The costs and benefits of hedonism: some consequences of taking casual leisure seriously', *Leisure Studies*, 20, Routledge, Taylor & Francis, pp. 305-309.
- Stebbins, R. 2005, 'Choice and Experiential Definitions of Leisure, Research Reflections', *Leisure Sciences*, 27, Routledge, Taylor & Francis, pp. 349-352.
- Sue, R. 1982, *Vers une société du temps Libre?* Sociologie d'Aujourd'hui, PUF, Paris.
- Tiesdell, S. & Slater, A.-M. 2006, 'Calling time: Managing Activities in Space and Time in the Evening/Night-time Economy', *Planning Theory & Practice*, vol. 7, 2, Routledge, Taylor & Francis, pp. 137-157.
- Urry, J. 1995, *Consuming places*. Routledge, Londres, 257 p.
- Veblen, T. 1965, *A teoria da classe ociosa*, Livraria Pioneira Editora, São Paulo.